

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANC
(1927 - 1969)

Começa a nascer no Brasil o verdadeiro capitalismo

Sem se atemorizar com a crise econômica atual, que se circunscreve basicamente ao setor público e que foi gerada pela incapacidade do Estado de administrar a si próprio de modo eficiente e responsável, é cada vez maior o número de empresários brasileiros convencidos de que não tem sentido ficar parados, esperando qualquer iniciativa ou apoio governamental. Conscientizados, afinal, de que o setor privado não pode ter seu destino atrelado a um aparelho estatal paquidêmico, improdutivo e perdulário e de que a sociedade está em condições de construir seu futuro independentemente desse Estado viciado e apodrecido, um grupo de empresários de São Paulo acaba de formar um centro de estudos destinado a apresentar alternativas de crescimento econômico valorizando a competição e o jogo de mercado, seguindo, assim, o mesmo rumo já tomado por entidades empresariais do Paraná e Rio Grande do Sul.

"Nos últimos anos, a produção vem apresentando taxas inaceitáveis de crescimento, incompatíveis com as necessidades da sociedade brasileira. Portanto, é essencial a retomada do crescimento econômico e nenhum outro objetivo ou constrangimento deve truncar esta exigência nacional ditada pelas carências básicas da população e pela necessidade de criação de novos empregos e eliminação da pobreza", afirmou um dos idealizadores desse centro de estudos, o engenheiro Paulo Cunha, presidente do grupo Ultra. "Um dia a crise vai passar e, então, será fundamental termos um projeto definido para que o país possa retomar o crescimento econômico sustentável e soberano, sem cometer os mesmos erros do passado. É preciso estabelecer metas de médio e longo prazos economicamente viáveis, socialmente legítimas e politicamente mobilizadoras" — concluiu.

Esse esforço de setores cada vez mais amplo do empresariado preocupado em modernizar o Brasil a partir da formulação de um projeto explicitamente capitalista é mais um sinal positivo revelando que, se há razões de sobra para irritação e revolta, não há razões para descreermos de nosso futuro. Diante da saléncia das elites políticas, da desmoralização dos governantes perante a opinião pública e da avassaladora crise do Estado brasileiro, a sociedade civil continua, em quase todos os seus segmentos, dando mostras de vitalidade e de garra, mobilizando-se para enfrentar as dificuldades econômicas e lutando para restaurar a credibilidade das instituições políticas. É apenas por meio dessa mobilização que o país pode sair da estagnação a que foi conduzido pelos políticos de todos os matizes, pelos empresários seduzidos pelo cartorialismo governamental, pela **nomenklatura** estatal e pelos dirigentes populistas e se converter numa nação moderna e desenvolvida.

Esse empenho pela modernização brasileira, independentemente de qualquer iniciativa ou apoio do Estado, é hoje um fenômeno generalizado entre nós. Nestas últimas semanas, a imprensa tem registrado a mobilização das populações de vários estados para obrigar vereadores e deputados a reverem os atos com que aumentaram escandalosamente seus próprios vencimentos, assim como o esforço dos empresários do Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Rio de Janeiro para articular um projeto alternativo de desenvolvimento industrial, mediante a constituição de centros de pesquisa tecnológica e de formação de executivos. Agora temos a criação desse Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), com a finalidade de valorizar o papel da empresa privada no crescimento econômico, no desenvolvimento tecnológico, no redimensionamento dos investimentos produtivos, na geração de novos empregos e na ampliação da competitividade externa da economia brasileira.

O denominador comum, entre os integrantes desse grupo, é a crença na economia de mercado e a certeza de que só a competição livre das tutelas governamentais pode conduzir o país à modernidade. Seus diretores estão conscientes de que enfrentarão a resistência das velhas lideranças empresariais que, por se terem deixado seduzir pelos favores da **nomenklatura** estatal, perderam autoridade moral para criticar o Estado e todo o anacronismo que ele representa. "Se não enfrentarmos o antigo e não modificarmos a mentalidade existente, não alcançaremos a modernidade. O capitalismo brasileiro precisa abandonar certos vícios, tal como a falta de coragem de enfrentar riscos" — diz o empresário Cláudio Bardella, um dos diretores do Iedi.

Como se vê, estamos assistindo ao nascimento do verdadeiro capitalismo entre nós, não por meio de uma política definida pelo governo, mas mediante a disposição de alguns empresários de correr riscos e de "competir" com o setor estatizado da economia nacional. Tendo conseguido o milagre de preservar todas as enormes potencialidades do setor privado da nossa economia em meio dessa crise gerada dentro do Estado e pelo próprio Estado, o empresariado brasileiro tem todas as condições de vencer com facilidade essa "competição", invertendo em curto prazo a atual proporção entre os espaços ocupados pelos setores estatal e privado na economia nacional. Para tanto, basta mudar de mentalidade e libertar-se do natural temor provocado pela incerteza política gerada pela falta de confiança neste governo e pela possibilidade de o próximo vir a ser presidido por um inimigo do regime de mercado. Se todo o empresariado nacional seguir por esse caminho nada deterá a marcha deste país para a modernidade.